

# Rio de Janeiro: sede da Corte e dos primeiros cafezais

Humberto Fernandes Machado\*

Recebido em: 02/07/2020

Aprovado em: 26/10/2020

## Resumo

O Vale do Paraíba fluminense constituiu-se, a partir da década de 1820, em um grande centro cafeicultor. As primeiras plantações se desenvolveram no final do século XVIII nas cercanias da cidade do Rio de Janeiro. Inicialmente, uma cultura de quintais e chácaras em lugares que hoje formam o perímetro urbano e suburbano do Rio, se expandindo para as serras da Tijuca e da Gávea, em direção aos atuais bairros de Jacarepaguá e Campo Grande. Nesse período, vários viajantes percorreram as áreas próximas à cidade, agora sem o rigor do sistema colonial em função da vinda da família real portuguesa para o Brasil, em 1808. Os seus depoimentos e narrativas corroboram a relevância da lavoura cafeeira, já nesse início do século XIX, quando a cidade do Rio de Janeiro tornou-se o polo irradiador da cafeicultura para o Vale do Paraíba, como pode ser atestado, também, pelos anúncios dos jornais sobre a venda de terras destinadas à produção de café.

## Palavras-chave

Cafeicultura; Rio de Janeiro; origens da produção cafeeira

## Abstract

The Paraíba Valley of Rio de Janeiro was, from the 1820s onwards, a major coffee center. The first plantations were developed at the end of the 18th century in the outskirts of the city of Rio de Janeiro. At first, a culture of backyards and farms in places that today form the urban and suburban perimeter of Rio, expanding to the mountains of Tijuca and Gávea, towards the current neighbourhoods of Jacarepaguá and Campo Grande. During this period, several travelers wandered through areas close to the city, now without the rigor of the colonial system due to the arrival of the Portuguese royal family in Brazil, in 1808. Their testimonies and narratives corroborate the relevance of coffee plantation, already at the beginning of the nineteenth century, when the city of Rio de Janeiro became the epicenter of coffee cultivation in the Paraíba Valley, as can be attested by the newspaper sale advertisements about land destined for coffee production.

## Keywords

Cafeiculture; Rio de Janeiro; sources of coffee production

---

\*Professor do Programa de Pós-graduação em História da UFF, com doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo. Publicou inúmeros artigos e livros sobre a crise do escravismo, a imprensa abolicionista e as questões urbanas da cidade do Rio de Janeiro no século XIX, como: *Palavras e brados. José do Patrocínio e a imprensa abolicionista do Rio de Janeiro*, indicado ao Prêmio Jabuti de 2014, na categoria Comunicação. *Escravos, senhores e café. A crise da cafeicultura escravista do Vale do Paraíba Fluminense. 1860-1888*. Niterói: Cromos, 1993. Email: [humbertouff@gmail.com](mailto:humbertouff@gmail.com)

### Rio de Janeiro: sede da Corte e dos primeiros cafezais

**A**s primeiras plantações de café, no Rio de Janeiro, se desenvolveram no final do século XVIII nas cercanias da cidade: no convento dos padres capuchinhos, na Rua dos Barbonos (atual Evaristo da Veiga) e nas terras do negociante holandês João Hopman, no arraial do Mata-porcos (bairro do Estácio, nas imediações da Rua Haddock Lobo). Inicialmente, uma cultura de quintais e chácaras em lugares que hoje formam o perímetro urbano e suburbano do Rio, se expandindo para as serras da Tijuca e da Gávea, em direção à região de Jacarepaguá e Campo Grande.<sup>1</sup>

A Tijuca, no início do século XIX, era o local onde havia as maiores lavouras. As condições climáticas, favoráveis ao desenvolvimento cafeeiro, e também a fuga dos brejos e pântanos que existiam no centro da cidade, com suas doenças e mosquitos, transformaram a região, conforme depoimento do monsenhor Pizarro: “não há chacara ou fazenda que deixe de cultivar tão precioso gênero (...). Dos lugares mais fartos dessa planta, e melhor cultivados até o ano de 1800, eram superiores o da Tijuca e toda sua circunferência em volta da Gávea para a Lagoa Rodrigo de Freitas”.<sup>2</sup> O inglês John Luccock, percorrendo o local, em 1813, também mencionou as plantações de café, demonstrando o seu encantamento pelo “cenário majestoso” proporcionado pela natureza e, em especial, pela “famosa cachoeira da Tijuca”.<sup>3</sup>

O tenente Chamberlain, filho do cônsul inglês Henry Chamberlain, observou, em 1819, que muitos “imigrantes da Europa, franceses na maioria, ali iniciaram consideráveis plantações de café” devido aos atrativos da Tijuca:

(...) enquanto os habitantes do Rio de Janeiro e das planícies circunvizinhas sofrem debaixo do calor opressivo de um sol tropical, lavradores destas montanhas (...) gozam um clima delicioso, temperado por moderadas e refrescantes brisas. As noites são sempre frescas e o solo fértil.<sup>4</sup>

Posteriormente, o americano Daniel Kidder também assinalou que a Tijuca era aprazível, onde

(...) estão localizadas diversas fazendas de café (...). O ar dessas montanhas é frio, puro e revigorante (...). Estando situado tão próximo do Rio de Janeiro, esse local é bastante procurado, principalmente na estação estival que (...) se prolonga de dezembro a fevereiro.<sup>5</sup>

O alemão Friedrich Von Weech frisou, da mesma forma, que a Tijuca “região situada a somente quatro horas da capital” possuía uma “verdadeira floresta virgem (...)

mas, também consideráveis plantações de café, onde o bom solo, a localização elevada da região e as chuvas frequentes, mas não duradouras, lhes agradam particularmente”. Ele esteve em algumas fazendas, entre as quais a do holandês Charles Alexander Van Moke, chamada de Nassau, e da família do francês Louis François Lecesne, falecido em 1823, experimentado cafeicultor que viera de São Domingos, após a revolta de escravizados que culminou com a independência do Haiti, e se estabeleceu numa área, que ele denominou Fazenda São Luís, nas encostas próximas ao atual bairro da Gávea. Descreveu os mecanismos de plantação do café, o tratamento que deve ser dispensado ao produto após a colheita, o beneficiamento e uma “estimativa dos possíveis custos para a instalação de uma plantação de café na província do Rio de Janeiro”.<sup>6</sup>

O comerciante letão, de origem alemã, Ernst Ebel, em 1824, demonstrou imensa satisfação pela realização de seu “maior desejo: conhecer a Tijuca e, de passagem, a melhor plantação de café dos arredores do Rio”. Ficou deslumbrado pelo “esplêndido panorama” da Boavista e, provavelmente, a sua referência era o atual Alto da Boavista, no Maciço da Tijuca. Ao chegar à propriedade do holandês Moke, não poupou elogios à disposição da lavoura, como também às construções vinculadas ao beneficiamento do produto: “uma boa casa assobradada, ao estilo holandês e seus diversos anexos” e com um “espaçoso e excelente terreno, no qual já plantou mais de 100.000 cafeeiros e continua a expandir-se”. Além disso, havia uma lavoura de gêneros que produzia “toda sorte de legumes”, cujo excedente vendia para a cidade, assim como “feijão e mandioca para o sustento dos negros” que, segundo o viajante, recebiam um “bom tratamento do senhor”, comprovado “pela aparência saudável e contente, tal como a numerosa criançada”.<sup>7</sup>

Ebel visitou também a propriedade que tinha pertencido a Lecesne. Relatou que os cafeeiros eram plantados “a oito pés uns dos outros, sempre podados à altura de seis pés”, e assinalou que, no terceiro ano, a árvore já começava a dar frutos, sendo que “no quinto está em plena maturidade (...). Quando bem tratado, um cafeeiro pode viver e produzir até trinta anos”. Elogiou o processo de beneficiamento utilizado por esses pioneiros que buscavam sempre, de acordo com as suas palavras, o aperfeiçoamento da “qualidade do café”.<sup>8</sup>

A produção da região já ocupava as páginas dos jornais da época, valorizando, não só a quantidade, como a qualidade do café. Os periódicos enfatizavam como o local era bastante prazeroso e agradável para a moradia, além da possibilidade do desenvolvimento de outras culturas. A *Gazeta do Rio de Janeiro*, por exemplo,

noticiava, em 1812, a venda de um sítio no “alto da serra da Tijuca, onde nasce o rio Maracanã, com escravos, casa de vivenda e senzalas, muitas laranjeiras (...) cafês, mandioca, roda e forno, e o mais pertencente ao dito sítio”.<sup>9</sup> Anos depois, em 1827, percebe-se uma mudança expressiva, quando o *Jornal do Commercio* publicou que estava à venda um “sítio na Tijuca, com boa casa de vivenda, estrebaria, (...) que tem 27.000 pés de café entre grandes e pequenos (...), muito arvoredo de diferentes qualidades (...), plantação de mandioca e mato virgem”.<sup>10</sup> Enquanto, no primeiro anúncio, de 1812, a lavoura do café ficava junto com outros produtos, no segundo, de 1827, ela ocupou um espaço mais expressivo.

Justamente, esse crescimento da produção ensejou a abertura, por exemplo, de um pequeno armazém, “na entrada do caminho da lagoa próximo à praia de Botafogo”, vendendo, conforme o anúncio do *Diário Mercantil*, um café “por atacado de superior qualidade, adverte-se que este café é de primeira mão, vindo da lagoa, Gávea, Tijuca e Grumari”.<sup>11</sup> Um papel proeminente enfatizado, já em 1823, pelo *Correio do Rio de Janeiro*, que exaltou esse quadro proporcionado pela expansão da cafeicultura: “Nunca o Brasil esteve tão rico e florescente como hoje; a prova disto é que, no ano passado, exportou-se só do Rio de Janeiro 760.241 arrobas de café, 884.219 arrobas de açúcar, 237.551 couros secos”.<sup>12</sup> Embora, a exportação de açúcar ainda superasse a do café, percebe-se que este produto, ainda nos primórdios de sua cultura, estava em franco desenvolvimento.

Cabe ressaltar que as lavouras de café ocuparam espaços por toda a região, convivendo com outras espécies nessa fase pioneira, e os anúncios dos jornais, vendendo sítios, chácaras e fazendas, atestam essa afirmação. O *Diário do Rio de Janeiro* anunciou, em 1821, a venda de uma “fazenda, sita na Ilha do Governador, com 59 escravos, (...) e de 10 a 12 mil pés de café, muito enxerto de laranjas (...)”.<sup>13</sup> De maneira semelhante, o mesmo jornal apresentou outra notícia, em 1830, sobre “uma grande chácara (...) fazendo frente para o caminho de Jacarepaguá e para o Andaraí, com um grande cafezal de 20 mil pés de café, grande pomar de laranjeiras seletas e de outras muitas frutas; grande mandiocal e banana (...)”.<sup>14</sup> Copacabana também vivenciou o surto da expansão cafeeira, como registrou o mesmo jornal a respeito de uma “chácara com grande casa de vivenda, (...) com grande laranjal, cafezal, (...) sendo porto do mar, e da Lagoa de Rodrigo de Freitas”.<sup>15</sup>

Essa expansão do café atingiu, também, o outro lado da Baía de Guanabara, na Praia Grande (Niterói e São Gonçalo que, à época, faziam parte do mesmo município),

como demonstra os anúncios dos jornais. O *Diário do Rio de Janeiro* destacou um “Leilão que se faz na porta da Alfândega, nos dias 20, 21, 22 de setembro de 1821, de uma chácara sita na Praia Grande, ao pé da Freguesia de São Gonçalo, com boa casa de vivenda (...) e muito cafezal”.<sup>16</sup> Em outro número, o periódico assinalou que “no caminho da Engenhoca, vende-se um sítio com bom cafezal, que dá 60 arrobas de café, além de mil pés plantados neste ano, grande pomar de laranjeiras e (...) muito arvoredo de diferentes espécies, como jambeiros, cajueiros, mangueiras (...)”.<sup>17</sup> Já na fase de franca expansão para o Vale do Paraíba, ainda detectamos anúncios de locais próximos ao litoral, como em Itaipu, (região oceânica de Niterói) “distante de Niterói 3 léguas, vende-se com terras próprias imenso cafezal”.<sup>18</sup>

A expansão para São Gonçalo se fez de forma intensa, como na negociação de um sítio na região de “Porto da Bandeira, Freguesia de São Gonçalo, com muitos arvoredos de todas as qualidades, um grande cafezal (...)”.<sup>19</sup> Anos depois, a pujança da produção mereceu um destaque do mesmo periódico quando anunciou a venda em “São Gonçalo, em terras do Engenho Pequeno, distante do porto légua e meia e de Niterói duas léguas (...) com casa de vivenda (...) 5 senzalas, (...) cafezal que dá para mais de 400 arrobas (...) e tem mais de 12.000 pés de café de um ano (...)”. Além da lavoura de café, a fazenda ainda possuía “mandiocas para mais de 300 sacas de farinha, um grande pomar de laranjeiras, (...) e outras frutas”.<sup>20</sup>

Na direção sul da província, o crescimento da cafeicultura se faz presente como também podemos observar pelos anúncios de negociação com destaque para o produto. O *Jornal do Commercio* noticia a venda de “Uma mui bela fazenda distante de Mangaratiba, meia légua, com ótimo porto de embarque, na beira da estrada de São João Marcos, (...) colhendo 1.500 arrobas de café, (...) e com grande cachoeira para fazer engenhos de açúcar”.<sup>21</sup> O predomínio da produção de café na região é inegável, como em Angra dos Reis, quando o *Diário do Rio de Janeiro* veicula que uma fazenda

(...) com 300 braças de terras próprias de testada, com grandes sertões em matos virgens, que abundam de madeiras de lei, grandes cachoeiras, e mais de 60 mil pés de cafês, mandiocas, e muitas plantações (...) quem a pretender com 40 escravos, ou sem eles, dirija-se (...) ao capitão Ricardo Pereira de Azevedo Coutinho, na mesma fazenda.<sup>22</sup>

Em Muriqui, “a beira mar, entre a vila de Itaguaí, e a de Mangaratiba”, o mesmo jornal divulga a negociação de um sítio com “casa de vivenda, engenho horizontal d’água, cafezal, canavial”.<sup>23</sup> Interessante notar a convivência entre as duas lavouras na região: açúcar e café. Em outro número, o jornal noticia a venda de um “bom sítio”, em

Itaguaí, com “um grande cafezal onde se pode colher de 400 a 500 arrobas, tem suficiente largueza, bastante terra derrubada que ainda não levou planta, muito virgem (...) tem laranjeiras, bananeiras”.<sup>24</sup>

Igualmente, os cafezais se estenderam pelas terras da baixada da Guanabara, embora convivendo com a produção da cana de açúcar, como pode ser observado pela venda de um sítio na vila de Iguaçú, com “mais de 50 mil pés de café, com um partido de cana, muita mandioca, com fábrica de fazer farinha, uma dita de açúcar”.<sup>25</sup> Outra negociação, envolveu uma fazenda, também em Iguaçú, com “150.000 pés de café, com engenho de açúcar e todos os pertences”, que serviu para pagamento dos credores do casal dos falecidos Manuel Francisco de Oliveira e sua mulher”, como anunciado pelo *Diário do Rio de Janeiro*, em 1834.<sup>26</sup>

De maneira semelhante, o jornal anunciou a venda em Porto das Caixas de “duas datas de terras com 272 braças de frente e perto de três mil braças de fundo, entre Itaboraí e Rio Bonito, com um cafezal completo de 50 mil pés, todos a dar, engenho movido por água para socar café e ralar mandioca”.<sup>27</sup> O escoamento da produção, através dos pequenos portos do fundo da Baía, atendia a uma ampla região, como destacado pelo vendedor de uma fazenda em Capivari (hoje Silva Jardim), próxima a Porto das Caixas, “de fácil condução pelo Rio de S. João (...) já dando dez mil pés de café, alguns já dando frutos, e outros próximos a dar, e com todas as proporções para grandes plantações”.<sup>28</sup>

Percebe-se, portanto, como a expansão da cafeicultura realizou-se de diversas formas e direções antes de atingir o Vale do Paraíba e, claro, num primeiro momento, tornou-se objeto de procura e estudos por viajantes que, aqui, estiveram a partir da abertura dos portos. Muitos percorreram as áreas próximas à cidade do Rio de Janeiro, agora sem o rigor do sistema colonial em função da vinda da família real portuguesa para o Brasil, em 1808. A sede da Corte era o local que possuía melhores atrativos por ser o centro administrativo e dirigente do império luso. A nova terra proporcionou um campo de estudos para pesquisadores da fauna e da flora, ávidos por novos conhecimentos, além de aventureiros interessados na oportunidade para enriquecimento.

Os alemães Spix e Martius percorreram o Brasil entre 1817 e 1820 e aproveitaram as circunstâncias favoráveis para conhecerem o Rio de Janeiro e seu entorno, descrevendo as plantações de café, produto que “desde poucos anos é que tem sido ativamente cultivado na capitania do Rio”. Salientaram que foram feitas melhorias no plantio e na colheita, que facilitaram a sua maior aceitação no mercado europeu: “o